

# GLOSA À CHEGADA DO OUTONO

**Orlando Nunes de Amorim\***

o corpo não espera. quando o outono chega, não há possibilidade de espera para quem está inexoravelmente subsumido à passagem do tempo, à sucessão irrevogável das estações do ano – as quais, lembra-nos o poeta em outro lugar, são humana e corporeamente cinco. não há suspensão possível do caminhar irremediável para o instante derradeiro que o outono já prenuncia. sujeito assim ao seu fluxo natural, não há dilação para o corpo que tem pressa: na sua ânsia, na sua sede, na sua fome irresponsável, perscruta ininterruptamente tudo – o mundo, os outros corpos, ele mesmo, a linguagem, o sentido das coisas, seu segredo. resistente e indomável, antepõe à chegada do outono um não que parte o ritmo: do tempo, do verso. não espera nada, recusa-nos, recusa o amor e sua espera, recusa os nós do amor. seguem magistras apenas o que descobre e o que cria.

o corpo não repousa, apenas as mãos pousam, na sua busca incessante: o pousar das mãos é o próprio gesto da investigação do segredo do mundo. as mãos tocam o que os olhos não vêem, as mãos procuram o que a ideia não alcança, as mãos interrogam o que a língua não. mas este pousar de mãos, se é este, aqui agora, e não outro, é então um pousar que glosa – simultaneamente elucida e suprime – esse outro pousar das mesmas mãos, evocado: as do homem, como as do poeta, hesitam sobre a pele do corpo, como sobre a pele do papel. este pousar das mãos tem a pressa do poema que não espera.

o poema que então surge dos movimentos das mãos que pousam faz-se como uma inquirição em tudo semelhante à do corpo natural: o corpo do poema não espera. pelas mãos do poeta, o corpo do poema interroga, na solidão do seu pousar, a fragilidade seca do papel, penetra a tibieza da sua pele macia sobre a mesa – pulsante sob os movimentos das mãos que

escrevem como se escrever fosse respirar. o gesto solitário da escrita, em movimentos que vão apreendendo o corpo do poema na iminência mesma do seu aparecimento, da concretude da sua materialização, são como o ato de amor das mãos que pousam, hesitando, na descoberta da palpitação excitante sob a pele do corpo que se deseja.

mas o mover-se de um corpo no amplexo de um outro não é um intento solitário: não estamos sós no pousar das mãos que tocam, que escrevem, que lêem. como o poeta não está só na mesa em que principia a escrever, como um corpo não está só nos movimentos do ato de amar, também o pousar das mãos está pejado da sede de outros corpos, da memória de outros corpos, de tudo o que arfou em outras palavras, em outros poemas, sob outras peles. e quanto corpos, quantos poemas, quantas peles – até a chegada do outono! como se o conhecimento dos corpos ansiasse por esse outono de um outro, memória de desejos que nos olhos se demoraram e nas vozes palpitarão: corpo, lembra...

o corpo tem pressa de tudo o que se soube de tocar desnudo, de tudo o que só a nudez pode dar a conhecer: o amor, a beleza, a morte, a verdade. todavia, o corpo a quem chega o outono ainda é o corpo que se desnuda, como árvore, até mesmo de tudo o que pacientemente acumulou. o pousar de mãos, este, ainda sonda o desconhecido: repete o gesto da escrita, cego deste poema que se faz pelo desnudar de tudo o que se apreendeu, recomeço contínuo do corpo que não espera. e nada o detém, na sua ousadia, nem o temor daquilo que o outono anuncia: o último dia, o último alento, o último verso.

na sua pressa, preste, o corpo passa. afinal, é da passagem dos corpos que o nosso pouco é feito. a angústia do horror – tem tanta pressa o corpo! – ecoa martelada o acabamento inexorável de tudo, o desnudamento final da passagem: lavados corpos, desertos lugares, encerrados poemas. mas se o corpo passa, sua pressa também, nem que seja pela chegada outonal do último verso. na conclusão inadiável do poema, chegamos nós – poeta,

leitores –, chega o amor, puro intento dos corpos que se fazem, que se tocam, que se lêem, que se conhecem.

se o corpo natural não espera, na sua ânsia de tudo tocar e por tudo passar, o corpo do poema, este, depois do pousar das mãos, fica à espera – instantâneo suspenso – da nossa chegada, da chegada do amor. como um não, fica à espera deste outro pousar das mãos, das mãos que perscrutam amorosamente o corpo do poema. para então também passar, por outras palavras, noutros lugares, em direção ao seu outono.

---

\* Professor Assistente-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras no IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas), UNESP, câmpus de São José do Rio Preto-SP. Atua nas áreas de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.